

O signo linguístico: a aventura de um conceito

The linguistic sign: the adventure of a concept

Raul de Carvalho Rocha*

RESUMO

O texto examina a hipótese de que a assunção do conceito de *signo* da tradição filosófica clássica por Ferdinand de Saussure (1857-1913) constitui uma *mutação conceitual* que, uma vez consumada, permite a elaboração da *teoria do valor* e promove uma ruptura com a reflexão clássica. Discute-se os meios pelos quais Saussure opera essa mutação, a qual, apesar de subsidiar a passagem do conceito de *signo* para o de *valor*, não o isenta de produzir contradições que ameaçam encobrir o alcance do deslocamento realizado (Lier-DeVitto, 2018).

Palavras-chave: Saussure; Signo; Valor; Língua; Sistema.

ABSTRACT

This article examines the hypothesis that Ferdinand de Saussure's (1857-1913) use of the concept of *sign* from the classical philosophical tradition constitutes a *conceptual shift* that, once realized, enables the development of the *theory of value* and leads to a rupture with classical reflections on language. It explores how Saussure effectuates this shift, which, despite underpinning the transition from the concept of *sign* to that of *value*, does not exempt him from producing contradictions that threaten to obscure the full extent of the shift (Lier-DeVitto, 2018).

Keywords: Saussure; Sign; Value; Language (Langue); System.

Recebido em 9 de fevereiro de 2025.

Aceito em 8 de maio de 2025.

DOL: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n70.1465>

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, raul.caarvalho@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8118-3520>

Introdução

A linguagem é mais do que um meio na gênese de um pensamento científico: é a condição de seu movimento. Por trás do conceito, a palavra garante as transposições do sentido. É a presença contínua da mesma palavra que permite a passagem do conceito de um domínio a outro. De um domínio não científico a um domínio científico [...]. A própria palavra pode mudar, ao mesmo tempo que descola o conceito, e esse trabalho da linguagem sobre si mesma precede talvez a mutação do sentido, concorre com toda a certeza para ela [...]. Essa plasticidade das palavras, esse poder quase “espontâneo” que elas têm de mudar de lugar para acolherem de antemão o conceito novo, encontra evidentemente sua razão essencial na imagem que o conceito encerra em si apenas para expô-la nos momentos cruciais da História e das Ideias.

— Macherey (2009[1966], p. 122-123).

As reflexões que por cá desenvolvo são desdobramentos de inquietações que se originaram no âmbito de um questionamento sobre os fundamentos epistemológicos da Análise de Discurso (AD) de Michel Pêcheux (1938–1983). Trata-se, portanto, de um “passo para trás”, que não toma, necessariamente, a AD peuchetiana como objeto de reflexão, ainda que faça acenos *muito* tímidos às condições teóricas de constituição do campo. Sabidamente, a Análise de Discurso constitui-se a partir da intersecção de três áreas do conhecimento, quais sejam a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico. Dispensa esclarecimentos sobre qual eixo me debruçarei, o qual se entrevê pelo próprio título deste artigo, que traz, ao início, o clássico conceito de *signo linguístico* introduzido por Ferdinand de Saussure (1857–1913) na Linguística.

O ponto de partida desta inquietação é o reconhecimento de Pêcheux (2020) e Gadet (2020) de que a especificidade da Análise de Discurso francesa é uma relação fundamental com a língua-objeto da Linguística. Na medida em que esse objeto é formulado no canônico *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG* ou *Curso*), atribuído a Saussure, cumpre retornar às

reflexões do linguista genebrino para apreender, ainda que em linhas muito gerais, os principais atributos desse objeto que faz de Saussure o introdutor de “uma nova racionalidade sobre as unidades linguísticas”, nos termos de Lier-DeVitto (2018). A introdução dessa novidade dá-se a partir de uma formulação teórica que busca explicar o funcionamento da língua a partir de leis de referência interna ao sistema (Lier-DeVitto, 2018) e apresenta-se por meio de três aspectos: (I) a proposição de *língua* como “objeto integral e concreto da Linguística”; (II) a concepção de uma ordem própria da língua, em que a união do *som* e do *pensamento* (duas massas amorfas) produz uma delimitação recíproca de unidades; e, por fim, (III) a subordinação da significação à teoria do valor, segundo a qual o valor de um elemento resulta de sua relação com os demais no interior do sistema, daí a primazia das operações do sistema sobre as unidades.

Um estranhamento pode advir do título que escolhi dar para este trabalho, que recorre ao conceito de *signo* e não ao de *valor*, ao passo que é o conceito de valor, e não o de signo, que é crucial para a AD por ser por meio dele que se dá a subordinação da significação ao arranjo da língua (Haroche; Pêcheux; Henry, 2020[1971]). Minha escolha deve-se ao fato de que assumo a posição de Milner (2002) e Arrivé (1999) — mas também de Lier-DeVitto (2018) e Faria (2020), que acompanham Milner (2002) —, segundo a qual signo linguístico permite a Saussure realizar a transição para a teoria do valor, daí a importância de se começar por signo. Pretendo, com isso, discutir como, para efetuar essa transição, Saussure opera uma *mutação conceitual* na concepção clássica de signo, submetendo esse conceito a uma problemática distinta daquela que o cerceava no âmbito filosófico e, com isso, realiza uma efetiva *mudança de terreno*, favorecida pelas condições criadas pela Gramática Comparada. Em meu entendimento, o deslocamento operado por Saussure abre novas perspectivas para a constituição de uma teoria do sentido,¹ precisamente a partir da ruptura com a concepção clássica

1 Não me ocupo, porém, dessa constituição. Apenas assinalo que a condição para a

de língua(gem) como representação do pensamento que se efetiva a partir de suas considerações sobre a *unidade linguística*.

O meu percurso neste artigo será o seguinte: voltarei ao signo linguístico saussuriano, que constitui uma via incontornável na reflexão linguística, na medida em que é precisamente com a sua reflexão sobre a unidade linguística que se opera uma distinção fundamental entre a reflexão clássica sobre a linguagem e a teorização saussuriana. Retorno a signo sobretudo por reconhecer, a partir de Milner (2012[1978]), que, embora não constitua o objeto da Linguística saussuriana, signo é o meio escolhido por Saussure para expor o seu objeto real, que é o *linguístico*. Essa exposição não o isenta de dar ao conceito de signo um novo estatuto teórico (Lier-DeVitto, 2018; Faria, 2020), que não deixará de produzir efeitos indesejados.

Não obstante a vastidão da obra saussuriana,² detenho-me no *Curso* por, como afirma Gadet (1987, p. 14), ter sido essa a obra que “foi revisitada, comentada, citada, debatida, refutada e, por fim, muitas vezes esquecida, mas [que] deixou uma marca profunda em muitos pensadores”.³ E, mais especificamente, por, como nota Maldidier (2020[1993], p. 44), o conceito de discurso ser “forjado a partir de uma reflexão crítica sobre o corte fundador operado por Saussure e não sobre a sua superação”, corte esse que tem como

constituição de uma teoria do sentido que concebe que “as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam” (Haroche; Pêcheux; Henry, 2020[1971], p. 34) supõe, no que diz respeito à língua, uma concepção de unidade como desprovida de uma significação intrínseca.

- 2 Desde os anos 1960, o material de Saussure tornado público aumentou fartamente. Em 1996, a descoberta de uma série de manuscritos, entre os quais o famosíssimo *Sobre a essência dupla da linguagem*, culminou na publicação de um livro, *Escritos de Linguística Geral*, em 2002, na França — publicado no Brasil em 2004. Além disso, são fartamente conhecidas as fontes manuscritas que deram origem à edição do *Curso*, trazidas à luz por Godel, Engler, De Mauro etc., bem como os escritos saussurianos sobre os anagramas, editados por Starobinski.
- 3 No original: “*a été repris, commenté, cité, discute, réfuté, et finalement souvent méconu, mais qui a influencé tant de penseurs*”.

ponto nodal aquilo que se apresenta no *Curso*. Ainda que não me ocupe da reflexão crítica que conduzirá Pêcheux a forjar o objeto *discurso*, parece-me pertinente pontuá-lo, visto que o gesto peuchetiano pressupõe a apreensão do conceito de língua que o *CLG* busca apresentar, não sem produzir contradições entre o seu ponto de partida — o *signo* — e o de chegada — o *valor*. Só então, farei as considerações finais.

1. Signo, língua, valor: um (re)arranjo conceitual

Em *A língua inatingível*, Gadet e Pêcheux (2004[1981]) afirmam que o projeto saussuriano costuma ser identificado com o arbitrário do signo. Um dos maiores expoentes da filologia saussuriana, o italiano Tullio De Mauro (1997), por exemplo, afirma que Saussure “enxerga no arbítrio do signo o princípio fundamental de toda realidade linguística”.⁴ De fato, na Primeira Parte do *Curso de Linguística Geral*, o autor defende que o princípio do arbitrário do signo, segundo o qual o laço que une o *significante* ao *significado* — as contrapartes constitutivas do signo — é imotivado, “domina toda a Linguística da língua” (Saussure, 2012[1916], p. 108).

Gadet e Pêcheux (2004[1981], p. 63), entretanto, ao avaliarem a obra de Milner (2012[1978]), questionam o fato de “a tese saussuriana do valor não [ser] aplicada”. Questionamento esse que se faz relevante na medida em que Haroche, Pêcheux e Henry (2020[1971], p. 23) afirmam ser por meio da teoria do valor, em que a *significação* se subordina ao *valor*, que se efetiva o *corte saussuriano*. Se me detenho no signo linguístico neste artigo, é por acompanhar o raciocínio de Milner (2002, p. 37), para quem “Saussure parte do signo para abandoná-lo”,⁵ e o argumento de Arrivé (1999, p. 46), segundo o qual “a arbitrariedade do signo tem por função essencial permitir apresentar

4 No original: “voit dans l'arbitraire du signe le principe fondamental de toute réalité linguistique”.

5 No original: “Saussure part du signe pour le quitter”.

o conceito de valor”.⁶ Essa transição, nem sempre explícita, não saiu isenta de produzir contradições no *Curso*.

Milner (2012[1978]) afirma que o objeto da teoria saussuriana é o *linguístico* e conclui ser o conceito de signo a “expressão” que o genebrino escolhe para expô-lo. Para Milner (2012[1978], p. 58), Saussure toma de empréstimo um conceito de uma tradição filosófica, “do qual se apossou conforme a necessidade”. Faria (2020, p. 2), entretanto, pertinentemente questiona o fato de Saussure preservar *signo*, “termo que conhecia bem, tanto do ponto de vista da Filosofia quanto da Linguística de seu tempo”, em sua reflexão sobre a *unidade linguística* e, mais ainda, a justificativa fornecida no *Curso*, isto é, a de a língua usual não lhe sugerir “nenhum outro”. A autora prossegue a afirmar que essa justificativa

poderia levantar uma série de questões como, por exemplo, o fato de que a nomeação dos conceitos consagrados pelo *Curso* não ficou restrita à “língua usual”, ocorrendo, inclusive, a criação de neologismos, como é o caso de “*diacronia*”, assim como dos termos propostos como faces do signo (Faria, 2020, p. 2, grifos do original).

Para Faria (2020), se a manutenção do termo *signo* para se referir à unidade linguística não foi uma decisão propriamente teórica, fora tomada com um propósito teórico, qual seja:

tratar da exposição teórica dos atributos implícitos de um conceito central, porém não classificado, para que, partindo dele, o salto epistemológico pretendido pelo mestre pudesse ser efetivo: a virada da noção de signo para a de valor na caracterização do sistema da língua (Faria, 2020, p. 7).

Nesse propósito, deparamo-nos com a *aventura* de um conceito, o que Macherey (2009[1966], p. 122) define como a “sua passagem de um contexto teórico a outro”. Defendo que, nessa passagem, o conceito em questão,

6 Onde deriva, conforme Arrivé (1999), o deslize saussuriano que Benveniste (1995[1939]) tão bem apontou.

signo, sofrerá uma *mutação conceitual* — e não meramente será tomado de empréstimo — que se desdobrará em uma teorização que, necessariamente posterior ao nascimento de um conceito propriamente dito (Macherey, 2009[1966]),⁷ buscará dar conta de explicar o funcionamento da língua a partir de uma perspectiva não mais filosófica, mas efetivamente *linguística*.⁸ A realização exitosa de tal teorização supõe o empreendimento de uma mudança de terreno, um deslocamento, o que, para Haroche, Pêcheux e Henry (2020[1971], p. 33), implica “a introdução de novos objetos posicionados em relação ao novo ‘terreno’ teórico que determina as formas e os conteúdos da mudança”.

No *Curso de Linguística Geral*, uma das primeiras proposições que Saussure empreende a respeito do objeto “integral e concreto” da Linguística é a de que esse objeto é a *língua*, não a *linguagem*. Saussure (2012[1916], p. 41) insiste nessa distinção por ser esta, a linguagem, “o cavaleiro de diversos domínios” cuja unidade não se sabe como inferir, ao passo que a língua, “ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação”. Lier-DeVitto (2018), no entanto, argumenta existir no *CLG* dois conceitos de língua, os quais não se equivalem e que tiveram repercussões distintas na Linguística e em outros domínios das Ciências Humanas. Conforme a autora, enquanto a Linguística se deteve sobre a definição de língua como

7 Macerey (2009[1966]) define o começo de um conceito tão-somente como a palavra e a sua definição.

8 Um esclarecimento faz-se necessário em relação à utilização, por um campo, de conceitos advindos de outro: é preciso distinguir o gesto saussuriano daquilo que Mounin (1970) define como “emprego metafórico” de conceitos, isto é, a sua aplicação mecânica a objetos outros sem atenção à relação de solidariedade desses conceitos com o objeto do campo do qual são tomados. Aqui, assumo que Saussure, em lugar de empregar, por “empréstimo”, um conceito de uma tradição constituída, empreende uma transformação em signo com vistas a estabelecer as formas de sua operacionalidade em Linguística, o que exige, portanto, a sua articulação a uma problemática e a um objeto distintos. É dessa mutação que me ocupo e de suas contribuições para a teorização saussuriana por ela implicada, nomeadamente a teoria do valor.

sistema de signos que exprimem ideias, outros campos das Humanidades, em especial a Psicanálise e a Antropologia, basearam-se na definição de língua como *sistema de valores puros*.

A não-equivalência dessas definições reside, para Lier-DeVitto (2018), precisamente na seguinte consequência: com a primeira, isto é, com língua como sistema de signos, não é possível realizar uma ruptura efetiva com a concepção clássica de língua(gem) como representação do pensamento, na medida em que a noção de signo, nessa definição, (pode) leva(r) a supor uma anterioridade da unidade sobre as relações do sistema. Em outras palavras, o signo preexistiria ao sistema, no qual engendra para estabelecer relações com os demais. “A definição de língua como ‘sistema de signos’ pode levar (e tem levado) ao entendimento de que o sistema é conjunto composto por elementos prévios sobre os quais incidem suas operações para produzir relações de sentido”, afirma a autora (Lier-DeVitto, 2018, p. 809).

Coisa diferente ocorre com a concepção de língua como sistema de valores puros, afinal, *valor* é resultado das relações estabelecidas pelo funcionamento do sistema, não as antecede. Como faz notar Lier-DeVitto (2018, p. 801), com essa definição, Saussure concede primazia ao sistema e não às unidades, estabelecendo a “supremacia das operações do sistema sobre os seus elementos”. Sistema esse necessariamente constituído por um jogo de diferenças e oposições que dá existência às unidades no interior da língua. Guardemos isso: a primazia das oposições sobre as unidades no conceito de língua saussuriano e a sua associação a *valor*. Para Lier-DeVitto (2018), toda a Primeira e Segunda Partes do *CLG* realiza um itinerário rumo à dissolução da primeira definição e à apresentação da última.

Nesse percurso, Saussure (2012[1916]) desfaz aquilo a que Milner (2002) refere como a *assimetria* que caracteriza o signo na tradição clássica. Afinal, desde Port-Royal, falar em signo é falar em linguagem.⁹ No entanto,

9 Não esmiuçarei a reflexão de Milner (2002) a respeito da relação entre as teorias do signo e as teorias da linguagem, originalmente separadas, e as condições de seu encontro.

essa relação tem por base um modelo assimétrico: o signo representaria o pensamento, mas este, em si imperceptível, não representa o signo. Antes de prosseguir, há que se observar, como o faz Milner (2002; 2012[1978]), duas características fundamentais do pensamento saussuriano a respeito do signo: em primeiro lugar, não existe em Saussure uma *teoria do signo* — pelo contrário, e eis a segunda: o que Saussure faz é simplesmente acrescentar o qualificador *linguístico* ao termo *signo* e, assim, desloca a sua reflexão do âmbito filosófico.¹⁰ Com esse gesto, Saussure submete signo a uma problemática distinta, a da *determinação da unidade linguística*, e, com isso, abre a possibilidade de propor uma teoria que dê conta de fornecer uma explicação para as unidades da língua em relação ao novo terreno para o qual o conceito de signo é deslocado.

Voltando ao argumento de Milner (2002), Saussure situar-se-ia bastante distante dessa tradição em que prevalece a assimetria. Diferentemente da concepção clássica outrora referida, o modelo saussuriano do signo é baseado em uma relação de reciprocidade. Como faz notar Milner (2002, p. 27), em Saussure, o signo necessariamente comporta uma dupla face para que seja tal, na medida em que “uma sequência de sons só é linguística quando é suporte de uma ideia. [...] Conceitos [...] só se tornam entidades linguísticas pela associação com imagens acústicas”, nos termos do próprio Saussure (2012[1916], p. 148). É *condição* para que uma entidade seja um signo linguístico estar dotada de um significante e de um significado. Faria (2020) observa, inclusive, na escolha da substituição de *imagem acústica* e *conceito* (termos originalmente propostos para as partes constitutivas do signo) por *significante* e *significado* uma afirmação teórica da relação de reciprocidade

10 Como afirma Milner (2002), Saussure não fala do *signo em geral*, mas do *signo linguístico*. Uma teoria do signo supõe que se ponha e responda à questão “O que é um signo?”. Como faz notar Milner (2002), Saussure não se questiona a respeito do que é um signo. Pelo contrário: signo permite a Saussure responder à questão: “O que é um elemento linguístico?”.

que os rege, na medida em que enfatiza, gráfica e sonoramente, o radical de *signo*. Para Milner (2002),

Ao contrapor a sua própria terminologia ('Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica') à terminologia corrente ('no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas'), Saussure simplesmente rejeita a teoria clássica: o signo como uma realidade (a imagem acústica de '*arbor*', por exemplo), representando, graças a uma relação assimétrica, outra realidade: a coisa chamada '*arbor*' ou, eventualmente, a ideia dessa coisa (Milner, 2002, p. 27).¹¹

Apesar da rejeição saussuriana da concepção clássica de signo, a manutenção do termo, para a qual Faria (2020, p. 2) chama a atenção, não é irrelevante. Conforme a autora, estabelece-se com esses termos a demarcação de "um novo estatuto teórico para a unidade linguística".

Cumpramos observar nessa demarcação a situação de signo em uma problemática completamente distinta daquela que o subjaz na tradição clássica. Enquanto, no âmbito filosófico, a problemática à qual signo está submetido é a da representação, em Saussure, a problemática que o cerceia é outra: a da determinação da unidade linguística, que visa à questão das *condições em que se pode dizer estar diante de uma entidade linguística*. Milner (2002) efetivamente observa que Saussure não fala em representação, mas em *associação*. E, mais ainda, em uma relação de associação marcada pela reciprocidade. "A associação de A a B implica a associação de B a A. O significante não representa o significado; ele lhe é associado e, conseqüentemente, o significado, por seu turno, é associado ao significante",

11 No original: "*En opposant sa propre terminologie ("nous appelons signe la combinaison du concept et de l'image acoustique") à la terminologie courante ("dans l'usage courant, ce terme désigne généralement l'image acoustique seule"), Saussure ne fait rien de moins que de récuser la théorie classique: le signe comme une réalité (l'image acoustique arbor par exemple), représentant, grâce à une relation asymétrique, une autre réalité: la chose appelée arbor ou éventuellement l'idée de cette chose"*.

afirma Milner (2002, p. 27).¹² Dessa forma, Saussure propõe uma compreensão de signo que se desvincula por inteiro das teorias clássicas da representação (Milner, 2002).

Sobre esse aspecto, cumpre acompanhar o argumento de Faria (2020), que, a partir de Foucault (2007[1966]), reflete sobre a “alteração irreparável na concepção de saber ocorrida em fins do século XVIII”. Conforme a autora, a alteração substancial que atinge a linguagem *já se realizara* no âmbito da Gramática Comparada, em que, a partir da comparação das línguas indo-europeias, puderam-se estabelecer leis de mutação fonética e gramaticais que demonstravam o *parentesco* de diferentes línguas, noção essa que, em última instância, conduz à suposição de serem as línguas dotadas de propriedades indiferentes àquilo que elas eventualmente possam designar ou comunicar, como afirma Milner (2012[1978], p. 31). Consequentemente, nos termos de Foucault (2007[1966], p. 387), dá-se um salto para trás em matéria de linguagem, em que a função representativa da palavra “não [lhe] é mais constitutiv[a] [...] no seu ser mesmo, na sua arquitetura essencial, no que lhe permite tomar lugar no interior de uma frase e aí ligar-se a outras palavras mais ou menos diferentes”. Prossegue Foucault (2007[1966]):

Se a palavra pode figurar num discurso em que ela quer dizer alguma coisa, não será por virtude de uma discursividade imediata que ela deteria propriamente e por direito de nascimento, mas porque na sua forma mesma, nas sonoridades que a compõem, nas mudanças que sofre segundo a função gramatical que ocupa, nas modificações, enfim, a que se acha sujeita através do tempo, obedece a um certo número de leis estritas que regem de maneira semelhante todos os outros elementos da mesma língua; de sorte que a palavra só está vinculada a uma representação na medida em que primeiramente faz parte de uma organização gramatical pela qual a língua define e assegura a sua coerência própria. Para que a palavra possa dizer o que ela diz, é preciso que pertença a uma totalidade

12 No original: “*A est associé à B implique que B est associé à A. Le signifiant ne représent pas le signifié; il est lui associé et, du même coup, le signifié à son tour est associé au signifiant*”.

gramatical que, em relação a ela, é primeira, fundamental e determinante (Foucault, 2007[1966], p. 387).

O retorno à Gramática Comparada em Faria (2020) possui um efeito muito preciso em sua argumentação, que não abordarei por cá, mas retomar a sua menção é importante na medida em que a autora faz notar, a partir de Milner (2012[1978]), que Saussure não se apresenta a si como o *fundador* da Linguística. Muito pelo contrário: para Saussure, “a Linguística existe — é a Gramática Comparada —, o problema é que ela ignora aquilo que a possibilita”, afirma Milner (2012[1978], p. 51). Sob essa perspectiva, os esforços saussurianos no *Curso* visariam a autorizar em direito essa ciência, sem, necessariamente, pretender instaurar uma ruptura com a tradição comparatista.¹³ Isso me parece importante de se colocar, ainda que de forma muito breve, por repercutir diretamente na *mudança de terreno* a que se presta signo linguístico. Afinal, trata-se de autorizar em direito uma ciência que, a despeito de ter realizado uma alteração fundamental quanto ao modo de ser da língua, não necessariamente se deu conta do abalo que produziu, qual seja: o de remeter em primeiro lugar a um *interior*, anterior e determinante de qualquer função representativa (Foucault, 2007[1966]).

Assim, faz-se mister a elaboração de uma teoria que busque explicar a unidade linguística não mais remetendo à sua exterioridade, mas, sobretudo, ao funcionamento *interno* da língua, anterior a qualquer discursividade e que assegura as funções representativas da linguagem. Em outras palavras: a proposição de uma teoria linguística que levasse em conta os resultados alcançados pelo comparatismo, o que faltou aos Neogramáticos, por exemplo, como afirma Bouquet (2000, p. 87). É em relação a esse espaço de problemas que se situa a mutação conceitual operada em signo por Saussure: necessariamente a de permitir a transição para essa teoria, que será justamente a teoria do valor. Signo linguístico, como fora pontuado, visa a

13 O que não implica, necessariamente, que não tenha ocorrido tal ruptura.

realizar essa passagem, não constituir o objeto de uma teoria *per se*. De fato, o próprio Milner (2002, p. 25) nota que, em Saussure, signo nem sequer possui uma definição propriamente dita, mas, antes, uma descrição ou convenção terminológica,¹⁴ gesto esse que configura aquilo que Macherey (2009[1966]) denomina o “começo de um conceito”, o seu nascimento:

Com o nascimento, descreve-se também o aparecimento de um modo de pensar científico, independentemente de toda elaboração teórica: a teoria pode coincidir, coexistir com o conceito, mas não o determina. Ou ainda: um conceito não exige, para aparecer, *um pano de fundo teórico predeterminado* [...]. O nascimento de um conceito é, portanto, um *começo absoluto: as teorias*, que são como que a consciência dele, *não vêm senão depois* (Macherey, 2009[1966], p. 122, grifos do original).

Os esforços saussurianos, no entanto, não o isentam de inconvenientes e contradições. Conforme argumenta Milner (2002), signo é efetivamente abordado por Saussure, mas para ser abandonado em seguida, o que impõe como condição que se admita signo no *início* desse itinerário.

A delimitação recíproca das contrapartes do signo linguístico no interior da língua revela a inversão do signo tomado do âmbito da Filosofia a que refere Milner (2002; 2012[1978]) e a consequente ruptura com a noção clássica de representação: a tradição que se segue à Port-Royal assume como ponto de partida a existência de duas entidades separadas (a palavra e a coisa; o signo e a ideia representada; o som e o sentido); na sequência, reconhece entre essas duas entidades uma relação. Essa relação é dita arbitrária e, portanto, o arbitrário designa uma relação de um certo tipo. Em Saussure, o itinerário é outro, afinal, conforme afirma Milner (2002, p. 31), “não se parte de duas entidades separadas; a princípio, há apenas uma única entidade: o signo; somente na sequência o signo se divide, por análise, em duas ‘faces’”.¹⁵

14 Diz Saussure (2012[1916], p. 106-107): “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...]. Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica”

15 No original: “*on ne part pas de deux entité séparées; il n’y a au premier temps qu’une seule entité: le signe; au second temps seulement, le signe se divise, par analyse, en deux ‘faces’*”.

De fato, para Saussure (2012[1916], p. 106), “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”, união essa dita *arbitrária*. Milner (2002) faz notar que o arbitrário em Saussure implica a ausência de qualquer relação,¹⁶ daí Saussure (2012[1916], p. 109) referir-se a essa união como *imotivada*.

Inverte-se, pois, a perspectiva clássica: “Não se deve partir, em primeiro lugar, de duas entidades cuja relação se pretende estabelecer, mas, sim, de uma única entidade que se divide em duas”,¹⁷ complementa Milner (2002, p. 33). O signo linguístico, encontro arbitrário de dois fluxos, o *som* e o *pensamento*, visa a introduzir a primazia das relações no interior do sistema, fora do qual o som e o pensamento não constituem senão “massas amorfas”. Afirma Saussure (2012[1916], p. 158): “Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa em que nada está necessariamente delimitado. [...] A substância fônica não é mais fixa, nem mais rígida; não é um molde a cujas formas o pensamento deve necessariamente acomodar-se”. Prossegue o autor:

O papel característico da língua diante do pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão de ideias, mas servir de intermediário entre o som e o pensamento, em condições tais que uma união conduza necessariamente a uma delimitação recíproca de unidades (Saussure, 2012[1916], p. 159).

Duas consequências se impõem: o signo perde o seu caráter representativo, do qual é dotado em uma perspectiva clássica. Como diz Milner (2002, p. 35), “o signo não representa qualquer coisa, é apenas um ponto de contato entre dois fluxos”.¹⁸ Por sua vez, se um signo existe,

16 A esse respeito, vale citar Rodrigues (1980, p. 85): “O signo linguístico é arbitrário por não haver nenhuma necessidade, quer lógica, quer ontológica, que ligue os dois elementos”.

17 No original: “*Il ne faut pas se donner en premier temps deux entités dont il s’agit d’établir la relation, mais bien plutôt une entité unique qui se divise en deux*”.

18 No original: “*le signe ne représente rien; il est seulement un point de contact entre des flux*”.

é por conta da concomitante existência de outros no sistema da língua. “Precisamente, um signo qualquer só existe em razão daquilo que permite aos outros signos existir”, diz Milner (2002, p. 34).¹⁹ Efetivamente, sejam quais forem as definições de língua que são apresentadas no *Curso*, é a instauração da noção de *sistema* que permanentemente se apresenta como um designio saussuriano (Rodrigues, 1980).

Haroche, Pêcheux e Henry (2020[1971]) afirmam que o princípio saussuriano do valor está intimamente atrelado à concepção de língua como um *sistema*. Duas consequências decorrem da assunção da concepção sistêmica de língua em Saussure: a primeira, conforme Haroche, Pêcheux e Henry (2020[1971]), seria o combate à noção de língua como nomenclatura, segundo a qual, nos termos de Saussure (2012[1916], p. 105), “a língua, reduzida a seu princípio essencial, é [...] uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas”, entendimento esse criticável em muitos aspectos, mas, acima de tudo, por supor “ideias completamente feitas, preexistentes às palavras” (Saussure, 2012[1916], p. 105). Donde a importância que Milner (2012[1978], p. 59) atribui ao arbitrário, graças ao qual “Saussure autoriza-se a construir uma teoria dos signos que não envolve nada de uma teoria das coisas”.²⁰ Prossegue o autor: “A Linguística, a partir de então, não é uma visão de mundo, e o laço que a unia, desde os gregos, à teoria do ser das coisas é rompido” (Milner, 2012[1978], p. 59-60).

A segunda consequência é a rejeição da ideia de língua como instrumento de comunicação, “definição muito mais banal”, como diz Normand (2009), bem como rejeitar como ponto de partida precisamente a comunicação em Linguística. Na teorização saussuriana, sistema — que não é um termo desconhecido da tradição linguística (Ducrot, 1971; Normand,

19 No original: “*Plus exactement, un signe donné n'existe que par ce qui permet aux autres signes d'exister*”.

20 Bem entendido, o som e a ideia enquanto tais também pertencem à ordem das coisas; com o arbitrário, “[...] a ligação que os une enquanto coisas não pode ter nada em comum com a ligação que os une enquanto faces de um signo” (Milner, 2012[1978], p. 59).

2009) — opera de forma precisa, definindo um *interior* para a língua, fora do qual as unidades linguísticas não possuem realidade nem existência, daí a sua compreensão de língua como um *funcionamento*, um *mecanismo*, que não se confunde com a *empíria*, com as línguas (Lier-DeVitto, 2018). “Abordadas fora dessas relações [recíprocas, no interior do sistema], as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, elas não são mais linguísticas”, afirma Normand (2009, p. 50). Disso decorre, conforme Ducrot (1971), que a ideia de que os elementos de uma língua não são dados de antemão é um tema que atravessa todo o *Curso*. Essa é então a novidade introduzida por Saussure: “A descoberta d[e que] os componentes reais de uma língua é a mesma coisa [...] que a de suas relações mútuas, e, finalmente, que o reconhecimento de uma organização linguística” (Ducrot, 1971, p. 56). A pressuposição do elemento no sistema, eis o contributo de Saussure para o Estruturalismo em Linguística (Ducrot, 1971).

A dependência do elemento em relação ao sistema despoja a unidade linguística de qualquer positividade e consagra a tese do *negativo* na Linguística saussuriana. Conforme Milner (2012[1978]),

Isso [a tese do negativo] significa duas coisas: antes de mais nada, que os signos são vários e que eles compõem uma ordem. Nessa ordem, cada signo só tem identidade devido à relação que mantém com os demais (em conjunto ou separadamente) — [...] e tudo o que poderia conferir a um signo uma identidade independente é atribuído à ordem das coisas; logo, ignorado (Milner, 2012[1978], p. 61).

As propriedades do signo, assim, são devidas às relações que o significante estabelece com os outros significantes da língua — e assim o é, também, para o significado. Dessa forma, “a relação de associação interna de um signo qualquer demanda a associação ou, antes, as associações dos signos entre si. Em outras palavras, a relação do signo consigo mesmo é da mesma

natureza que a relação do signo com outros signos. O interno é atravessado pelo externo” (Milner, 2002, p. 35).²¹ O *diferencial* impõe-se a signo.

É precisamente nesse momento que se pode realizar a introdução do conceito de *valor* como um substituto de *signo* (Normand, 2009, p. 73), afinal, valor supõe a existência de uma relação responsável por dar existência concreta à entidade considerada. Assim, reitero, a partir das palavras de Normand (2009, p. 81), que “o que significa não é uma forma particular [...], mas uma relação de formas: a significação não é ligada a uma forma em si, mas a diferenças entre formas”. Na medida em que, como faz notar Normand (2009, p. 81), é o conceito de valor e a sua articulação à noção de diferença que constitui, para Saussure, o conteúdo do termo sistema e a verdadeira natureza da língua, justifica-se a pretensa transição saussuriana rumo a uma teoria da primazia das operações do sistema sobre as unidades. No entanto, na medida em que Saussure (2012[1916]) põe o arbitrário no “coração da língua” para construir uma teoria que a despojasse das coisas (Milner, 2012[1978], p. 59), essa transição se depara com um obstáculo: o signo enquanto unidade, entidade positiva em sua ordem (Saussure, 2012[1916], p. 168).

Signo, ponto de partida de Saussure (Milner, 2002, p. 25), combinação de um significado e um significante, fato positivo — “a única espécie de fatos que a língua comporta” (Saussure, 2012[1916], p. 168) — necessita de ser abandonado para que a radicalidade da concepção de língua como sistema de valores puros, que rejeita qualquer positividade na língua, possa produzir os seus efeitos. Ocorre que tal concepção só se pode estabelecer se se partir de signo (Milner, 2002). Afinal, é a arbitrariedade do signo que cumpre a função de desvincular a língua da ordem das coisas, governando tanto “a relação da coisa significada com o signo”, que não interessa a Saussure, quanto “a

21 No original: “*le rapport d’association interne à un signe donné requiert le rapport ou plutôt les rapports des signes entre eux. Autrement dit, le rapport du signe à lui-même est de même nature que le rapport du signe aux autres signes. L’interne est retransversé par l’externe*”.

do significante com o significado” (Milner, 2012[1978], p. 59). O arbitrário, portanto, autoriza Saussure a conceber o sistema da língua como a combinação de duas ordens de diferenças. Essa interdependência é flagrante no *Curso*, em que se lê que “arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas” (Saussure, 2012[1916], p. 165), e explicita a necessária presença e abandono de *signo* por *valor* na caracterização do sistema da língua como um “conjunto de diferenças fônicas e conceituais” (Saussure, 2012[1916], p. 176).²²

O caráter diferencial da unidade linguística é intimamente associado ao seu caráter negativo, o qual implica ser essa unidade opositiva e relativa. A natureza opositiva da unidade demanda que um signo seja aquilo que um outro não é, impossibilitando-se dizer o que é o signo *a* ou *b* sem se recorrer à rede de relações que lhe confere identidade em sua ordem (Milner, 2012[1978]). Isso, no entanto, sob a condição de tomá-lo no interior de um sistema constituído por uma série de diferenças de sons combinada com uma série de diferenças de ideias, isto é, *um sistema de valores*, pois “é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo” (Saussure, 2012[1916], p. 168). A positividade do signo, portanto, não reside em uma identidade (material ou conceitual) do signo em relação a si; a sua condição é, antes, o sistema de relações diferenciais que o determina enquanto *um signo* e que o autoriza a estabelecer relações de oposição com *outros signos*. Assim, Saussure (2012[1916], p. 169, grifos do original) afirma que “[...] *os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade*. Na língua, [...] o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor, como faz a unidade”.

22 O gesto saussuriano de abandono de signo é particularmente observado por Faria (2020), que privilegia em sua reflexão as anotações de Émile Constantin do terceiro curso de Linguística Geral ministrado por Saussure na Universidade de Genebra entre 1910 e 1911. Nessa fonte, Faria (2020, p. 2, grifos do original) destaca “a grande recorrência do uso do termo signo no primeiro momento da segunda parte do curso, intitulada *A língua*, e o seu quase abandono no final, quando *A Linguística estática* é colocada em discussão”.

Para Milner (2002, p. 37), com essa concepção de *diferença*, Saussure introduz um novo tipo de entidade, que não encontra equivalente na tradição filosófica. Afirma o autor:

Ser e ser um, essas propriedades estavam ligadas até então [...]. A entidade linguística, tal como a define Saussure, existe apenas por diferenças; seu ser é, portanto, atravessado pela multiplicidade de todas as outras entidades da mesma língua: não se trata mais, propriamente falando, de unicidade; existem, então, seres que não são um ser, ou cuja unicidade é definida de outra forma: é a unicidade de uma intersecção de determinações múltiplas, e não uma unicidade centrada em torno de um ponto íntimo de identidade consigo mesmo (Milner, 2002, p. 37).²³

Conforme Milner (2002), a tese implícita e implicada pela teorização saussuriana é a da disjunção entre a *identidade* e a *semelhança*: “É possível que uma entidade cuja substância material tenha mudado por completo permaneça idêntica a si mesma”.²⁴ Em contrapartida, “é possível que uma entidade cuja substância material permaneça a mesma tenha mudado” (Milner, 2002, p. 37-38).²⁵ Um excerto do *Curso* é ilustrativo:

Quando, em uma conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas

23 No original: “Être et être un, ces propriétés étaient liés jusque-là [...]. L’entité linguistique, telle que la décrivait Saussure, n’existait que par différences; son être était donc traversé de la multiplicité de toutes les autres entités de la même langue: il n’était plus à proprement parler unicité; il y avait donc des êtres qui n’étaient pas un être, ou dont l’unicité était définie autrement: c’était l’unicité d’un entrecroisement de déterminations multiples, et non pas une unicité centrée autour d’un point intime d’identité à soi”.

24 No original: “Il est possible que puisse demeurer identique à soi une entité dont toute la substance matérielle aurait changé”.

25 No original: “il est possible que puisse avoir changé une entité dont toute la substance matérielle serait restée la même”.

assaz apreciáveis — tão apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes (*cf. fr. pomme*, “maçã”, e *paume*, “palma”, *goulte*, “gota”, e *je goute*, “eu gosto”, *fuir*, “fugir”, e *fouir*, “cavar” etc.); ademais, esse sentimento de identidade persiste, se bem que do ponto de vista semântico não haja tampouco identidade absoluta entre um *Senhores!* e outro, da mesma maneira por que uma palavra pode exprimir ideias bastante diferentes sem que sua identidade fique seriamente comprometida (*cf. “adotar uma moda” e “adotar uma criança”, “a flor da macieira” e “a flor da nobreza” etc.*) (Saussure, 2012[1916], p. 153-154).

Efetivamente, com *valor*, chega-se ao famoso aforismo saussuriano, segundo o qual a língua é *forma*, não *substância*. Conforme afirma Saussure (2012[1916], p. 155), “o vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia nem na identidade material nem na exata semelhança de sentido”. Minimamente, essa afirmação remete-nos a dois traços fundamentais da teorização saussuriana, que constituem, ademais, propriedades do signo linguístico: à impossibilidade de as entidades serem dadas de antemão, corolário do conceito de *valor*, e à noção de *sistema*, cujas operações se sobressaem às unidades, as quais determinam. De fato, como aponta Pereira de Castro (2020, p. 9), “a identidade é assegurada pelo mesmo valor. Por outro lado, [...] a homofonia não é suficiente como critério de identidade. Os signos homófonos não são idênticos se os valores são diferentes”.

Com esse gesto, Saussure introduz uma inovação radical na tradição filosófica, de acordo com Milner (2002):

Não podemos imaginar uma ruptura mais profunda em relação à tradição filosófica. Seja ela idealista ou empirista, a tradição distinguiu radicalmente identidade e semelhança. Admitia-se, entretanto, que deveria existir uma relação entre as duas: que a semelhança material era um indicativo — eventualmente enganoso, mas ainda digno de consideração — da identidade; que a identidade se realizava de certa forma naturalmente por meio das semelhanças. Doravante, a relação está rompida. Pode-se afirmar

que o *Curso* inteiro se propõe a resolver o problema que foi assim colocado (Milner, 2002, p. 38).²⁶

No entanto, como observa Milner (2002, p. 25), o ponto de partida saussuriano é a proposição de que o elemento linguístico é um signo. A pretensa virada epistemológica, necessariamente caracterizada pela dissolução da definição de *língua como sistema de signos* e a apresentação da de *língua como sistema de valores*, encontra um obstáculo: a reminiscência da concepção de unidade como positividade, idêntica a si, previamente determinada em relação às operações do sistema. Concepção essa que, a despeito dos esforços de Saussure para expurgá-la da Linguística, insiste em retornar, quer no próprio *Curso* e os seus deslizes,²⁷ quer pelo fato de “não [ser] possível a uma cultura tomar consciência, de modo temático e positivo, de que a sua linguagem cessa de ser transparente às suas representações para espessar-se e receber um peso próprio”, como dirá Foucault (2007[1966], p. 389) em referência muito específica ao esquecimento do abalo comparatista pela cultura ocidental.

Intrincado meandro de uma teorização: por um lado, a definição de língua como sistema de signos concorre com a de língua como sistema de valores puros e ameaça reduzir, desta, a sua eficácia teórica e epistemológica

26 No original: “*On ne peut imaginer rupture plus profond à l’égard de la tradition philosophique. Qu’elle soit idéaliste ou empiriste, celle-ci avait certés distingué radicalement entre l’identité et la ressemblance. Mais il était admis qu’une relation devait subsister entre les deux: que la ressemblance matérielle était un indice — éventuellement trompeur, mais toujours digne de considération — de l’identité; que l’identité s’accomplissait en quelque sorte naturellement par des ressemblances. Désormais, la relation est rompue. On peut avancer que le Cours tout entier se propose de résoudre le problème qui était ainsi posé*”.

27 Lier-DeVitto (2018) bem aponta a passagem em que Saussure refere a “uma faculdade de associação e de coordenação que se manifesta *desde que não se trate mais de signos isolados*”, questionando: “Uma oscilação? Seria possível considerá-los isoladamente? Seria possível entender que as operações de *la langue* incidiriam sobre elementos dados?” (Lier-DeVitto, 2018, p. 809).

na virada pretendida, capital para o desvinculamento da unidade de qualquer determinação externa à língua que a fizesse detentora de uma identidade consigo *per se*; por outro, é preciso igualmente ter em atenção aquilo a que referi a partir de Milner (2012[1978]), isto é, ser o signo e a noção de arbitrário que abrem a possibilidade de constituição de uma teoria que elimine as relações das unidades da língua com qualquer coisa que não a sua determinação pelo funcionamento do sistema. Acrescente-se a isso as considerações de Lier-DeVitto (2018), que enfatizam o gesto saussuriano rumo à dissolução de qualquer vestígio de substância do signo. Sendo assim, signo constitui o meio de exposição do objeto *língua*, como afirma Milner (2012[1978]), mas, também, um meio de desconstrução do *signo filosófico*, que sustenta a noção de representação. “Desconstrução esta que segue na direção de sua dissolução *pari passu* com a implicação da *noção de valor*, cuja lógica exige interrogar a relação entre significante e significado”, afirma Lier-DeVitto (2018, p. 809, grifos do original), e que é, portanto, solidária da elaboração da teoria do valor.

Tal empreitada requer que o próprio conceito de signo sofra uma mutação conceitual, que Saussure estabelece por meio da proposição de novos termos e definições associadas às suas partes constitutivas,²⁸ bem como da sua submissão a uma problemática distinta, a da determinação da unidade linguística, afastada das teorias da representação e cerceando um objeto distinto, *a língua em si*.²⁹ A rejeição à consideração de signo como

28 Lembremos que Saussure afirma ser a imagem acústica, termo que é posteriormente substituído por *significante*, não o som material, mas a impressão psíquica desse som.

29 É curiosa a retomada da frase que encerra o *Curso* — “A Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” — considerando a constatação de Bouquet (2009) de que essa é uma frase nunca dita por Saussure. No entanto, a preocupação de Saussure com a língua em si não é uma miragem, e as fontes manuscritas reunidas por Engler e Bouquet nos *Escritos de Linguística Geral* (2004[2002]) no-la revelam. Não me parece absurdo, pois, remeter a ela.

positividade, isto é, prévio em relação ao sistema,³⁰ produz uma mutação em seu estatuto teórico que, conforme Lier-DeVitto (2018, p. 810, grifos do original), solidariza-se com a definição de língua como sistema de valores puros, uma vez que os “*signos são efeitos das relações do sistema e não elementos (prévios) em relação ao sistema*, que possam ser considerados isoladamente”, e a sua consistência provisória é adquirida “no ‘só depois’ das operações do sistema”.

De fato, Milner (2012[1978], p. 61) bem observa que as propriedades do signo — o arbitrário, o negativo e o bifacial — “são bastante diferentes e a sua ligação não é evidente”. No entanto, foi por efetivamente reuni-las todas em um só ponto, a que chamou *signo*, que Saussure singularizou a sua doutrina. Acrescento, servindo-me de Macherrey (2009[1966]), que essa singularização constitui a mutação conceitual necessária para que signo pudesse operar em uma mudança de terreno, da Filosofia para a Linguística. É neste domínio que Saussure elabora a sua teoria, com a qual introduz, nos termos de Lier-DeVitto (2018), uma nova racionalidade sobre as unidades linguísticas (a qual teria passado à margem da própria Linguística,³¹ mas repercutido em outras áreas), que rejeita qualquer ponto de partida para a delimitação das unidades que não o *sistema de valores puros* que constitui a *língua*.

As oscilações de Saussure no *Curso* — que, a despeito da reformulação de signo como a totalidade e não a parte material, ainda utilizará o termo em referência a esta —, bem como o conceito duplo de língua, previamente referido com base em Lier-DeVitto (2018), parecem concorrer para encobrir parte da novidade saussuriana. Acrescente-se a isso o argumento de Faria (2020, p. 11, grifos meus), segundo a qual “a expressão [signo] desliza e, *por força da história de sua transmissão*, parece sempre evocar a saliência de

30 Recordemo-nos que o signo em Saussure é encontro de fluxos *no interior da língua* (Milner, 2002, p. 35).

31 Com raras exceções, como as de Benveniste e Jakobson (e poucos outros), como afirma Lier-DeVitto (2018).

sua parte ‘mais material’ como idêntica a si mesma” e, consequentemente, como *independente* das operações do sistema, preservando resquícios da concepção clássica de língua(gem), que só se desfaz, efetivamente, com a devida apreensão da radicalidade implicada pela teoria do valor. Ainda que, como notam Normand (2009) e Arrivé (1999), o conceito de signo linguístico necessariamente reclame a noção de *sistema*,³² a força de sua transmissão, nos termos de Faria (2020), talvez não tenha permitido que nos apercebêssemos da novidade saussuriana, de modo que prevaleceu, em Linguística, a definição de língua como sistema de signos (Lier-DeVitto, 2018),³³ e a consequente tendência a se negligenciar o conceito de valor e subestimar a sua relação com os demais conceitos saussurianos, como bem assinala Normand (2009, p. 158).

32 Afirma Normand (2009, p. 62): “[...] o termo não é introduzido sozinho, mas, desde o início, na expressão ‘sistema de signos’”; e diz Arrivé (1999, p. 35, grifos do original): “Para Saussure, não há signos fora dos sistemas que eles constituem. [...] é preciso, evidentemente, ler sempre a palavra *signos* como estenografia de *sistema de signos*”.

33 A *leitura* que se faz do *Curso* nessa perspectiva estaria, portanto, absorvida pela teoria clássica. Lier-DeVitto (2018, p. 810-811) pertinentemente argumenta que “a complicação que decorre da definição de ‘língua como sistema de signos que exprimem ideias’ é que ela propicia a leitura de que os signos, como elementos internos ao sistema, sejam unidades prontas, estabelecidas *sem* o concurso das operações do sistema, *i.e.*, dos eixos sintagmático e associativo, que incidiriam sobre elementos dados para produzir relações de sentido. Nesse ambiente, não se pode vislumbrar a radical diferença que há entre signo filosófico e signo linguístico, nem se faz valer a força das leis de referência internas ao sistema”. As observações de Faria (2020) a respeito da “força da transmissão” de signo também contribuem para a reflexão sobre o fato de que *toda leitura* se faz a partir de uma *posição determinada* e de sua rede de filiações. Assim entendendo Lier-DeVitto (2018) quando afirma que a supracitada definição *pode e tem conduzido* a uma leitura que minimiza a novidade saussuriana. Sirvo-me, pois, das palavras de Foucault (2007[1966], p. 388), que dizem respeito muito especificamente à novidade comparatista e ao seu *esquecimento* pela cultura ocidental, quando o refere como efeito de “nossos olhos mal desprendidos ainda de suas luzes costumeiras”. A força da transmissão do signo clássico (e, consequentemente, a concepção de língua(gem) que ele sustenta) talvez carregue consigo luzes costumeiras das quais, muitas vezes, não nos conseguimos desvincular durante a leitura do gesto saussuriano no *Curso*.

Considerações finais

A incontornabilidade do gesto saussuriano é passível de se verificar pelos seus efeitos no século XX. Como afirmam Gadet e Pêcheux (2004[1981]),

Saussure constitui, direta ou indiretamente, a pedra de toque de todas as escolas linguísticas atuais, o seu ponto de partida crítico. Em nome de Saussure, os linguistas se dividem, porque o próprio Saussure carrega em si essa divisão, que transparece na dicotomia fácil que opõe o Saussure do *Cours de Linguistique Générale* (tanto mais claro e frio quanto for comentado segundo a leitura dos editores), ao dos *Anagrammes* (em que vaga a obscura loucura da decodificação, das associações escondidas nos versos saturninos). [...] a favor ou contra Saussure, todas as combinações do positivo e do negativo foram tentadas, sem esgotar o segredo do “projeto saussuriano” (Gadet; Pêcheux, 2004[1981], p. 55).

Intentei discutir, ainda que de forma breve, as linhas pelas quais Saussure assume um conceito, o *signo*, de uma tradição, a *filosófica*, mas o submete a uma problemática distinta, a da determinação da unidade *intra*linguisticamente, e a um novo campo, a *Linguística*, em que o princípio de um interior específico da língua fora colocado pela prática dos comparatistas, mas não necessariamente recebeu uma formulação teórica satisfatória pela Gramática Comparada. A questão da representação, implicada e sustentada por signo (Lier-DeVitto, 2018), é, pois, rejeitada, e signo é deslocado do âmbito filosófico para o *linguístico*. Novos termos são forjados — *significado*, *significante*, para além de *linguístico* acrescido a *signo* — para dar conta desse deslocamento e da relação que o conceito manterá, doravante, com o domínio em relação ao qual contribuirá para a elaboração de uma *teoria* que dê conta dos resultados empíricos dos comparatistas no tocante às transformações linguísticas e do funcionamento ordinário da língua, em um estado. Essa teoria é a *teoria do valor*, que reclama as noções de sistema e de diferença, e a coexistência das unidades para a determinação *recíproca* de seu estatuto linguístico.

Uma mutação conceitual se opera, não sem criar dificuldades para a ruptura pretendida com a concepção de língua como nomenclatura ou representação do pensamento e o pressuposto da positividade da entidade linguística. Afinal, signo preserva, historicamente, os vínculos com a tradição filosófica da qual é deslocado, resistindo à mudança de terreno a que a teorização saussuriana o impele. Talvez os deslizos de Saussure no *Curso*, bem como o itinerário que segue e que o conduz à concepção dupla de língua a que refere Lier-DeVitto (2018), tenham criado contradições não-aparentes àqueles que realizaram uma leitura “empirista, desvitalizante e encobridora da novidade” do *CLG*, leitura essa responsável por desarticular os eixos de funcionamento da língua (as operações *in absentia* e *in praesentia*) e transformá-los em instrumentos de descrição, *não* os compreendendo como leis de referência interna ao sistema (Lier-DeVitto, 2018; Lier-DeVitto; Oliveira; Sousa, 2022). Consequentemente, como afirma Normand (2009, p. 158), o conceito de valor foi frequentemente negligenciado e teve a sua relação com os demais conceitos saussurianos subestimada, não obstante consistir em “peça-mestra” da Linguística saussuriana. Com efeito, Gadet e Pêcheux (2004[1981], p. 59) constataram que a “tese do primado do valor permanece frágil: no próprio interior do saussurianismo, o caráter negativo do signo é ameaçado de ser encoberto na positividade da comunicação”. Fora da Linguística, a novidade saussuriana conheceu outra repercussão (Lier-DeVitto, 2018).

A constituição de uma teoria do sentido, que se desenvolve a partir de três campos do conhecimento e fundamenta-se em uma relação com a língua (como sistema de valores) e a História,³⁴ revela a fecundidade dessa

34 Sobre esse ponto, duas passagens de Haroche, Pêcheux e Henry (2020[1971]) são esclarecedoras. Vejamos a primeira: “Ora, do ponto de vista saussuriano a respeito da língua e do valor frente àquele a respeito das significações e da linguagem, há uma mudança radical de perspectiva. Apesar dessa mudança de perspectiva — e ainda que a referência à tradução tenha, neste caso, sempre um alcance teórico e não prático —, continuamos a colocar de imediato o problema por meio daquele sobre a correspondência entre duas ou mais línguas como se no interior de uma mesma língua não ocorressem

novidade. Uma nova via se abre para o *discurso* — conceito forjado a partir, ele também, de uma mudança de terreno que supõe conceitos exteriores à Linguística (Maldidier, 2020[1993]) —,³⁵ após o conceito de signo, no decurso de uma aventura que o fez *signo linguístico*, ter propiciado o arremate do “salto para trás” das funções representativas da linguagem e de sua discursividade

problemas de tradução. Ora, se considerarmos, por exemplo, o domínio da política e da produção científica, *constataremos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam*” (Haroche; Pêcheux; Henry, 2020[1971], p. 24, grifos do original).

A título de esclarecimento, a referida passagem de Saussure é a que segue: “[...] O português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesma, o inglês diz *mutton*, e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa”. Prossegue o autor: “Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim. [...] sob vários aspectos, essa correspondência falha” (Saussure, 2012[1916], p. 162-163, grifos do original).

A segunda citação de Haroche, Pêcheux e Henry (2020[1971]) é esta: “As formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial é que *não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras ‘mudam de sentido’ ao passar de uma *formação discursiva* a outra” (Haroche; Pêcheux; Henry, 2020[1971], p. 34, grifos do original).

- 35 A esse respeito, afirma Pêcheux (2020[1971], p. 72): “[...] essa mudança de terreno consiste em desembaraçar da problemática subjetivista centrada no indivíduo, fonte dos gestos e das falas, ponto de vista sobre os objetos e sobre o mundo, e em compreender que o tipo de concreto com o qual lidamos e sobre o qual pensamos é precisamente o que o Materialismo Histórico designa pelo termo de relações sociais, que resultam de relações de classe características de uma dada formação social”.

imediate. A Gramática Comparada descobriu, praticamente, que a palavra pertence “a uma totalidade gramatical que, em relação a ela, é primeira, fundamental e determinante” (Foucault, 2007[1966], p. 387); em sua esteira, Saussure buscou explicitar, teoricamente, o funcionamento dessa totalidade determinante a partir de uma reflexão esmiuçada sobre as determinações múltiplas que constituem as suas unidades (Milner, 2002). O *sentido*, por sua vez, não menos determinado, demanda uma formulação teórica que dê conta de seu funcionamento a partir da base linguística e das condições sócio-históricas que constituem os processos discursivos.³⁶ Compete à Semântica dar esse passo.

Referências

ARRIVÉ, M. **Linguagem e Psicanálise, Linguística e Inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENVENISTE, É. Natureza do signo linguístico (1939). In: BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes; Editora da UNICAMP, 1995.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos Alberto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, S. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Vanice Maria de Oliveira Sargentini. **Letras & Letras**, v. 25, n. 1, p. 161-175, 2009.

36 Lê-se em Pêcheux (2020[1971], p. 74): “Convém, antes, conceber a língua (objeto da Linguística) como a base em relação à qual se constroem os processos; a base linguística caracteriza, nessa perspectiva, o funcionamento da língua em relação a ela mesma, como realidade relativamente autônoma; e é preciso, desde então, reservar o termo de processo discursivo (processo de produção do discurso) para se referir ao funcionamento da base linguística em relação às representações [...] colocadas em jogo nas relações sociais”.

DE MAURO, T. Introduction. *In*: SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição crítica e comentada por Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1997[1967].

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

FARIA, N. O signo linguístico: “uma importante questão de terminologia”. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, v. 22, n. 2, p. 1-17, 2020.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007[1966].

GADET, F. **Saussure, une science de la langue**. Paris: PUF, 1987.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004[1981].

GADET, F. Uma relação fundamental com a Linguística. *In*: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**. Tradução de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2020.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso (1971). Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *In*: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria, 2020[2007].

LIER-DEVITTO, M. F. Consequências de duas definições de *la langue* no *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. **DELTA**, v. 34, n. 3, p. 799-813, 2018.

LIER-DEVITTO, M. F.; OLIVEIRA, M. T.; SOUSA, B. “A língua é forma e não substância”: revisitando um aforisma saussureano. *In*: SILVEIRA, E.; HENRIQUES, S. M. (Orgs.). **Saussure: manuscritos, aulas e publicações**. Uberlândia: Editora da UFU, 2022.

MACHEREY, P. Posfácio – A Filosofia da Ciência de Georges Canguilhem. Tradução de Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. *In*: CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009[1966].

MALDIDIER, D. A inquietude do discurso – Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux (1993). *In*: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**. Tradução de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2020.

MILNER, J-C. **Le périple structural: figures et paradigme**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

MILNER, J-C. **O amor da língua**. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012[1978].

MOUNIN, G. **Introduction à la Sémiologie**. Paris: Editions de Minuit, 1970.

NORMAND, C. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PÊCHEUX, M. Língua, linguagens, discurso (1971). *In*: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux**. Tradução de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. Em que consiste a identidade linguística? Uma questão saussuriana. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, v. 22, n. 2, p. 1-12, 2020.

RODRIGUES, N. **Ciência & Linguagem**: uma introdução ao pensamento de Saussure. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].